

Silvia Velasco Costa

A interpretação em eventos evangélicos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRio como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de Especialização Formação de Intérprete de Conferências da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Professor orientador

Profa. Sílvia Beatriz Alexandra Becher Costa

Rio de Janeiro – RJ

27 de Junho de 2014

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, o autor da vida e também meu amigo.

Ao meu marido, Josias, que sempre acredita em meu potencial e bancou os meus estudos, e aos meus filhos, Jonathan e Rebecca, pela paciência e compreensão durante esse tempo em que me dediquei bem menos a vocês.

A todos os professores do curso, pelos ensinamentos e pelo compartilhamento de suas experiências.

À professora Silvia Becher, pelo incentivo durante a minha formação e pela dedicação com a qual me orientou durante a elaboração desse trabalho.

À professora Denise Vasconcellos e à minha colega de turma Juliana Portella por terem me ajudado a encontrar outros intérpretes do meio evangélico.

A todos os colegas intérpretes do meio evangélico que separaram um tempo para responderem ao questionário desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta a interpretação no meio evangélico e o perfil dos intérpretes que atuam nesse nicho. O objetivo do trabalho é descrever a situação específica da interpretação entre línguas estrangeiras e a língua portuguesa nesse meio no mercado. Para tal, foram realizados dois levantamentos principais: uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria da interpretação para dar fundamentação a esse trabalho, e uma pesquisa em forma de questionário com os intérpretes que atuam nesse nicho no Brasil e no exterior. A monografia é composta por uma introdução, relatando como eu me interessei pelo tema e porque é importante delimitar o estudo da interpretação para eventos evangélicos, seguida por capítulos e seções que apresentam as modalidades de interpretação mais usadas nesse meio, o idioma que tem sido mais solicitado, a preparação prévia da temática, os requisitos para atuar como intérprete nesse meio, os equipamentos utilizados e a recompensa do trabalho, muitas vezes, voluntário. As informações foram reunidas a partir da análise de dados coletados através dos questionários. A conclusão revela que, em geral, as pessoas que atuam como intérpretes no meio evangélico não são profissionais, isto é, não têm formação específica para exercerem a atividade. O serviço de tradução no meio evangélico é voluntário e, portanto, não é o foco principal da vida desse tipo de intérprete. As formas de atuação desses intérpretes também não seguem as normas de atuação profissional estipuladas pelas organizações internacionais, por razões que incluem desde a informalidade da situação, o fato de ser uma atuação voluntária e a inconveniência financeira ou contextual de adoção das normas. Portanto, os intérpretes que atuam nesse meio criam regras próprias que, talvez sejam, mais adequadas à realidade do meio evangélico.

Palavras-chave: meio evangélico, modalidades de interpretação, interpretação e trabalho voluntário.

ABSTRACT

This paper discusses interpretation in evangelical circles and reveals the profile of interpreters who serve this niche. The purpose of this study is to describe the specific situations when interpretation between foreign languages and Portuguese occurs in Christian gatherings. To meet these goals, two main activities were undertaken: a survey of the theory of interpretation, which lays the theoretical foundation for this paper, and a survey in the form of a questionnaire with the interpreters, who work in evangelical events. The paper consists of an introduction, describing how I became interested in the topic and why it is important to study interpreting in evangelical events, followed by chapters and sections that present the most commonly used methods of interpretation in these circles, the languages that have been most requested, modes of preparation in such situations, requirements to act as an interpreter in such an environment, the equipments used and the rewards of such, mostly volunteer, services. The analysis of data collected through the questionnaires has set the grounds for the information disclosed in the study. The conclusion shows that, in general, people who act as interpreters in evangelical circles are not professionals, that is, do not have specific training for the job. Their service is voluntary and, therefore, interpretation is not the major concern of their lives. The way these interpreters work does not follow the standards set by international organizations for reasons that range from the informality of the situation and the fact that it is volunteer work, to the inconvenience, whether financial or contextual, of adopting the standards and norms of professional interpreting. Therefore, interpreters who work in evangelical meetings create their own norms, which are, perhaps, more appropriate to the reality of evangelical circles.

Keywords: evangelical circles, modalities of interpretation, interpretation, volunteer work.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. O início da atividade de interpretação no meio evangélico	12
2.1. Um pouco da história da interpretação no meio evangélico	12
2.1.1. Os primórdios das igrejas evangélicas no Brasil	12
2.1.2. As primeiras interpretações no meio evangélico	14
2.2. Caracterização da interpretação: propriedades gerais e específicas	15
3. Metodologia	21
4. Análise de dados	24
4.1. Perfil dos respondentes	24
4.1.1. Locais onde os intérpretes entrevistados realizam a interpretação	26
4.1.2. Tempo em que existe a necessidade de interpretação nesses locais	27
4.2. Línguas de trabalho no meio evangélico	28
4.3. Requisitos para alguém se tornar intérprete no meio evangélico	29
4.4. Demanda do serviço de interpretação no meio evangélico	31
4.5. Trabalho em dupla e revezamentos	31
4.6. Tipos de eventos	33
4.7. A nacionalidade dos oradores	34
4.8. As modalidades de interpretação e equipamentos de tradução	35
4.9. O público ouvinte da interpretação simultânea	37
4.10. A preparação do intérprete do meio evangélico	38
4.11. Os idiomas mais solicitados para interpretação	39
4.12. A carga horária de trabalho	40
4.13. O que recompensa o trabalho voluntário?	42
5. Conclusão	44
Referências Bibliográficas	49
Apêndice 1: Questionário	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tempo de interpretação nas igrejas/comunidades	27
Tabela 2: Línguas estrangeiras na interpretação no meio evangélico	29
Tabela 3: Frequência da interpretação no meio evangélico	31
Tabela 4: Nacionalidade dos oradores na interpretação	34
Tabela 5: Modalidades de interpretação mais frequentes	35
Tabela 6: Equipamentos utilizados na interpretação no meio evangélico	36
Tabela 7: Tipos de eventos e modalidade de interpretação empregada	36
Tabela 8: Formas de preparação dos intérpretes no meio evangélico	39
Tabela 9: Idiomas mais frequentes na interpretação no meio evangélico	40
Tabela 10: Horas de trabalho/dia dos intérpretes do meio evangélico	41

1.

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro é a cidade brasileira mais visitada por turistas estrangeiros. “De acordo com os dados da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, a cidade recebeu 1.164.187 turistas em 2012. Para a Copa, estima-se que dois a cada três turistas passem pela região durante o evento”.¹

A capital carioca é conhecida em todo território brasileiro e internacionalmente, por suas belas praias e morros, e pelo tradicional Carnaval comemorado todos os anos. Segundo o presidente da EMBRATUR, Flavio Dino, “recentes conquistas reforçam ainda mais o papel do Rio de Janeiro como cartão-postal do Brasil”. Ele cita a escolha do Rio como a primeira cidade a ser reconhecida como Patrimônio da Humanidade na categoria Paisagem Urbana e os megaeventos, como final da Copa das Confederações e Jornada Mundial da Juventude (JMJ).²

O Rio de Janeiro tem sido um local de grandes eventos de negócios, de reuniões de líderes mundiais para discussões de assuntos sobre o meio ambiente e desenvolvimento, como a Eco 92 e a Rio+20, além de ser também palco de *mega shows*, como o Rock in Rio, e de artistas internacionais, como Madonna, Paul McCartney, Justin Bieber e outros.

Esses dados nos alertam para o potencial que a cidade do Rio de Janeiro possui na área de serviços, dentre eles os serviços voltados para públicos falantes de outras línguas, tais como o de tradução-interpretação em eventos ou encontros.

A cidade maravilhosa também tem sido o local escolhido para reunir grupos mais restritos, de interesses específicos idênticos, como, por exemplo, os atletas de Stand up Paddle, os de luta livre, os fãs de rock, grupos religiosos católicos, evangélicos e outros.³ Dentre estes grupos, eu estive presente em alguns eventos evangélicos que necessitavam de serviços de interpretação devido ao fato de o

¹ Fonte: www.rankbrasil.com.br, acesso em 24.04.2014.

² Fonte: www.embratur.gov.br, acesso em 24.04.2014.

³ <http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/exibeconteudo?article-id=2284151>, acesso em 4/06/2014.

palestrante ser estrangeiro ou por haver algum estrangeiro na plateia que não compreendia o idioma falado pelo orador. Por causa dessa vivência, percebi que seria produtivo conhecer melhor como ocorre a interpretação nesse nicho, o que me levou a delimitar a minha pesquisa para esta situação bem restrita: a interpretação no meio evangélico.

O termo evangélico, segundo o dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, significa (1) relativo ao evangelho, (2) relativo ou pertencente a certos grupos religiosos não ligados ao protestantismo histórico e que afirmam seguir os evangelhos com rigor. A palavra evangelho, por sua vez, significa relativo à doutrina de Cristo. Os evangelhos são os quatro livros da Bíblia Sagrada (Livros de Mateus, Marcos, Lucas e João) que relatam a vida de Jesus Cristo e a sua doutrina. “Evangélicos, é importante esclarecer, é a mesma coisa que protestantes. As duas palavras são sinônimas. Ou seja, evangélicas são praticamente todas as correntes nascidas do racha entre o teólogo alemão Martinho Lutero e a Igreja Católica, em 1517.” (Gwercman, 2004).

Embora o catolicismo e o protestantismo sejam religiões cristãs, existem muitas diferenças entre a crença católica e a dos protestantes. Os católicos creem em santos e têm Maria como intercessora dos homens perante Deus. Os evangélicos/protestantes creem que somente Jesus pode rogar pela humanidade, bem como salvá-la. Os católicos afirmam que as boas obras podem trazer salvação ao homem. Os evangélicos creem que a salvação vem pela fé e não por obras. Os padres católicos podem perdoar pecados e livrar o homem do fogo do inferno através de indulgências. Para os evangélicos, só Deus pode perdoar pecados e nenhum ser humano pode livrar o homem do juízo divino. O bispo de Roma é considerado pelos fiéis católicos como infalível quando fala. Mas os evangélicos creem que todo homem é pecador e falho perante Deus e os homens. Os católicos acreditam no purgatório, mas os evangélicos, no juízo após a morte. O evangélico crê que a bíblia é a última palavra sobre conduta e doutrina. Para o católico, a bíblia pode ser alterada pelo papa. Há outras diferenças, no entanto, existem também semelhanças doutrinárias no que diz respeito à vida e missão de Jesus Cristo como salvador do mundo.

Entende-se por evento no meio evangélico qualquer atividade cujos participantes tenham como finalidade a comunicação de uma mensagem originada da Bíblia para os fieis ou visitantes. Esses eventos podem ser, por exemplo: seminários, workshops, curso de formação de líderes da igreja, e outros.

Alguns estrangeiros, como mencionado anteriormente, ao visitarem a cidade do Rio de Janeiro, além de apreciarem as belas praias e tudo o mais que a cidade maravilhosa oferece, procuram um recanto para orar e ouvir a voz de Deus. Para isso, vão a uma igreja. Testemunhei a passagem de inúmeros estrangeiros em busca de um momento de conexão com Deus, mesmo estando fora de seu domicílio em viagem de negócios ou de turismo, pois durante muitos anos, vários estrangeiros visitavam a minha igreja⁴, mas não compreendiam o Português. Sempre que um visitante estrangeiro aparecia na Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul (Ceizs), os diáconos que estavam na recepção, com o intuito de proporcionar o entendimento das mensagens do culto aos estrangeiros, chamavam um membro da igreja que é proprietário de uma agência de turismo do Rio e que sabe falar bem inglês. Ele sentava-se ao lado do visitante e transmitia aos poucos e de maneira sussurrada a mensagem que estava sendo pregada. Esse procedimento era informal, sem nenhum planejamento.

Em 2008, a preocupação com a integração dos visitantes estrangeiros à comunidade levou ao início de um projeto para estruturar o serviço de tradução que já se tornava uma necessidade visível. Assim, fui indicada a assumir a liderança de uma equipe de pessoas voluntárias que sabem falar inglês (alguns haviam morado no exterior) para atendermos à necessidade dos visitantes estrangeiros. Elaborei um curso preparatório com vários aspectos de estudo: nomes dos livros da Bíblia, pronúncia de personagens e cidades bíblicas, etc.

O curso (ou treinamento) seria realizado uma vez por semana. Os alunos (trainees) receberiam um glossário com termos bíblicos para estudarem antecipadamente. Naquele tempo, a Ceizs costumava gravar os cultos e editá-los em DVDs para vendas posteriores na livraria. No dia do treinamento, utilizávamos um desses

⁴ A minha igreja é a Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul (Ceizs). Liderada pelo Pr. Marco Antonio Peixoto e sua esposa Juçara Peixoto, tem sempre uma visão profética sobre o que Deus quer falar ao seu povo.

DVDs de pregação do nosso pastor principal. Os trainees deveriam ouvir e traduzir a mensagem simultaneamente. Como não dispúnhamos de equipamento específico para esse treinamento, dividíamos o tempo de treinamento para que todos os alunos tivessem oportunidade de fazer a sua tradução. Eles deveriam falar em voz alta, durante alguns minutos, um após o outro, enquanto o DVD era tocado.

Iniciei assim o treinamento para a equipe de tradução da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul. E foi nesse mesmo ano que o pastor presidente da igreja comprou o primeiro equipamento portátil de tradução simultânea. Recebemos uma maleta contendo dentro dele um rádio transmissor, um microfone para o tradutor, e seis rádios receptores com fones de ouvido para os visitantes estrangeiros. Era setembro, o mês da Conferência Internacional de Aniversário da Igreja.

Com o tempo, nem todos inicialmente arrolados permaneceram na equipe. A principal razão para a saída era a frustração dos que não conseguiam ouvir e falar em duas línguas diferentes ao mesmo tempo. Outros saíram por questões pessoais diversas. A equipe foi modificada e o treinamento foi aprimorado, pois passou a incluir novos estudos de terminologia específica e links de áudios com mensagens de pregações de pastores estrangeiros para mais prática de simultânea.

A demanda do serviço de tradução aos visitantes estrangeiros na igreja foi também crescendo. Descobrimos que vários deles eram trazidos à Ceizs por amigos brasileiros que sabiam da existência do serviço de tradução ou por indicação em seu próprio país de alguém que já tinha nos visitado.

Além do idioma Inglês, o serviço de tradução na minha igreja ampliou para outros idiomas também necessários em vista da origem dos visitantes que recebíamos: espanhol, italiano e alemão. Cabe dizer, que a igreja possui unidades no exterior, por exemplo: Florida, Zurique, Inglaterra, Itália. Portanto, nas Conferências anuais, realizadas sempre no Rio de Janeiro, era necessário haver alguém que falasse os idiomas desses locais para fazer a tradução para os irmãos que vinham dessas unidades. Assim, ganhamos outros kits de equipamento para atender a essa demanda. Estávamos realmente ampliando o serviço.

Como líder dessa equipe, chegou o momento de eu buscar aperfeiçoamento; senti falta de um aprimoramento pessoal para poder melhor contribuir para a melhoria do serviço e para multiplicar os conhecimentos adquiridos com os membros da equipe. Foi, então, que comecei o curso na PUC de Intérpretes para Conferências. Saí do ambiente de igreja e fiz uma imersão em uma nova realidade que o programa do curso me apresentava: o mercado de interpretação em geral. Pude perceber que havia algumas diferenças interessantes e que essas diferenças mereciam um estudo mais aprofundado – o que passo a fazer nesse trabalho.

O presente trabalho tem, portanto, como objetivo descrever a situação da interpretação entre línguas estrangeiras e a língua portuguesa no meio evangélico. Pretendo relatar quais são as modalidades de interpretação que são mais usadas nos eventos que ocorrem nesse meio, quais requisitos os intérpretes precisam preencher para atuarem nesse tipo de serviço. Será que esses intérpretes se preparam antes dos eventos? Como seria essa preparação? Qual a recompensa de seu trabalho? Também desejava descobrir quais são os idiomas mais solicitados atualmente nas igrejas em geral, além de outras questões específicas a esse nicho de interpretação.

Essa pesquisa e as suas conclusões poderão ser muito valiosas para compararmos a atuação dos intérpretes que atuam no mercado profissional e os que oferecem seus serviços nos eventos evangélicos, descobrindo as diferenças entre esses dois perfis com relação a vários aspectos: preparação para o evento, estudo da língua de trabalho, modalidades da interpretação que utilizam com mais frequência, o fator motivacional, dentre outros. Acredito que os resultados deste trabalho poderão ser úteis para os que atuam no nicho da interpretação em eventos evangélicos, como também para enriquecer os programas de treinamento de intérpretes de conferência e eventos em geral.

2.

O INÍCIO DA ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO NO MEIO EVANGÉLICO

Primeiramente, preciso esclarecer dois termos: interpretação e meio evangélico. Interpretação é a tradução realizada oralmente de um idioma para outro. Meio evangélico é um ambiente em que a Bíblia Sagrada é o ponto central de qualquer mensagem. Trata-se, como mencionou Gwercan (2004) no trecho citado na introdução deste trabalho, de ambientes em que se reúnem participantes de comunidades ou igrejas que adotam as normas gerais do protestantismo (guardadas as diferenças específicas de cada denominação, dentro do conjunto de credos protestantes). Quando me refiro à interpretação no meio evangélico, significa a atuação do intérprete ouvindo a mensagem em um idioma e transmitindo-a em outro. Isso pode acontecer, por exemplo, em uma igreja, ou em uma sala de reunião, ou qualquer espaço físico, mas a mensagem terá como base o evangelho e o contexto será a ambientação em encontros, reuniões ou cerimônias que congregam grupos ou comunidades evangélicas.

2.1.

Um pouco da história da interpretação no meio evangélico

Uma das coisas que me intrigaram ao começar esse estudo foi: “desde quando existe a atividade de interpretação no meio evangélico?” Essa questão está inteiramente ligada à história das igrejas evangélicas no Brasil. Comecei, então, a estudar a história das igrejas mais antigas, históricas, e reproduzo aqui um breve panorama.

2.1.1.

Os primórdios das igrejas evangélicas no Brasil

Um dos mais antigos grupos evangélicos foi o batista. De acordo com os registros históricos, o primeiro missionário desta denominação foi Thomas Jefferson Bowen, que atuou no Brasil de 1859 a 1861. Ele havia sido missionário americano na Nigéria, África, buscando especialmente relacionar-se com os nativos da tribo

ioruba. Ao voltar aos Estados Unidos, foi enviado ao Brasil em 1860, para atuar junto aos escravos que haviam sido traficados e que eram, na maioria, oriundos de tribos que falavam o dialeto ioruba e assim poderiam ser por ele evangelizados. Oito meses depois, Bowen teve que voltar para o seu país por problemas de saúde e também porque as autoridades o impediam de continuar a pregar o evangelho.

Foi em 10 de setembro de 1871 que a **Primeira Igreja Batista** foi estabelecida no Brasil. A igreja se formou através de um grupo de colonos americanos, protestantes, vindos após a guerra entre o sul e o norte dos Estados Unidos (1859-1865) e que iniciaram um trabalho de evangelização em Santa Bárbara do Oeste (SP).

Os primeiros cultos em português só ocorreram em 1882, com a chegada do missionário Willian Buck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby ao Brasil, que rapidamente aprenderam o português no Colégio Presbiteriano de Campinas.

Ao pesquisar a história da **Assembleia de Deus** no Brasil, descobri que seus fundadores foram os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Em 19 de novembro de 1910, saíram dos Estados Unidos, onde moravam, e chegaram à cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Eles frequentavam, primeiramente, a igreja Batista, já que pertenciam a essa denominação nos Estados Unidos. Gunnar e Daniel estudaram a língua portuguesa e começaram a ensinar a doutrina pentecostal para os batistas, em Belém, aos ribeirinhos da Amazônia e se espalhando pelo nordeste. A Assembleia de Deus recebeu grande influência sueca, devido à nacionalidade de seus fundadores. Além disso, a igreja pentecostal escandinava assumiu, na época, o sustento de Gunnar Vingren e Daniel Berg e enviou outros missionários para dar suporte ao crescimento da nova Igreja. Aos poucos, a Assembleia de Deus foi se tornando mais independente da igreja na Suécia e, desde 1930, tem sido administrada pelos pastores brasileiros.

A **igreja presbiteriana do Brasil** foi fundada em 1859 pelo missionário americano Ashbell Green Simonton, aos 26 anos de idade. Após ter ingressado no Seminário de Princeton, ficou muito interessado pela obra missionária no exterior e foi enviado ao Brasil em 12 de agosto de 1859. Simonton logo aprendeu a língua portuguesa e, em abril de 1860, dirigiu o seu primeiro culto em português. A igreja presbiteriana é reconhecida pela sua atuação na área da educação. Em 1870, foi fundada a Escola Americana, que mais tarde passou a se chamar *Mackenzie*

College. Este se tornou o Instituto Presbiteriano Mackenzie, que hoje abriga, dentre outras instituições, a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A **Igreja Metodista** surgiu em 1729 através de um movimento de avivamento na Inglaterra. Um grupo liderado por John Wesley buscava um relacionamento mais íntimo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e tendo uma vida com ética e moral cristã. Não havia, nesse grupo, nenhuma intenção de fundar uma nova igreja, mas com o aumento de adeptos, a igreja foi estabelecida.

Junius Estaham Newman foi o primeiro pastor a se fixar permanentemente no Brasil. Newman financiou sua própria viagem, uma vez que a “Junta de Missões para trabalhar na América Central ou Brasil” estava endividada após a guerra civil americana. Chegou a Niterói, em Agosto de 1867.

O primeiro salão de culto dos metodistas foi uma pequena casa coberta de sapé e de chão batido, que antes era uma venda. Newman pregava em inglês para os colonos norte-americanos que haviam emigrado para o Brasil após a guerra civil americana (1861-1865). Um dos motivos da demora de Newman em organizar uma paróquia metodista, é que ele pregava, principalmente para metodistas, batistas, presbiterianos e a todos que desejassem ouvir sua mensagem. Em 1876, a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal Sul enviou seu primeiro obreiro oficial: Rev. John James Ranson. Ele se dedicou ao aprendizado do português para proclamar as boas novas aos brasileiros.

2.1.2.

As primeiras interpretações no meio evangélico

As igrejas protestantes brasileiras mais antigas, pela breve história relatada na seção anterior, originam-se de igrejas do exterior (Estados Unidos, Suécia, Inglaterra). Os missionários estrangeiros se estabeleceram no Brasil e iniciaram as obras de evangelização, resultando na fundação dessas igrejas. No início, geralmente os cultos eram ministrados em inglês, mas com o tempo, os missionários aprendiam o português para pregarem para os brasileiros. Quando essas igrejas recebiam pregadores do seu país do exterior, em visita ao país ou em missão enviada pelas organizações que subsidiavam as igrejas locais, o pastor local (que já havia aprendido português) traduzia oralmente a mensagem para o português. A tradução era feita frase por frase e os dois oradores posicionavam-se

lado a lado. Não havia qualquer formação para esta função de intérprete, como ainda não há sistematicamente em muitos meios evangélicos. Era um trabalho missionário, como o da pregação – feito de forma voluntária, cujo único requisito era o domínio, mesmo que parcial, das duas línguas – a de partida e a de chegada.

Por relatos orais e vivência nos diferentes ambientes evangélicos, sabe-se que ainda hoje são poucas as igrejas e denominações que investem em treinamento ou capacitação para que os intérpretes, sejam pastores ou voluntários leigos, se preparem para eventuais oportunidades de interpretação de missionários ou visitantes falantes de línguas estrangeiras. Ao que parece, a tarefa tão essencial que é a de transmitir a mensagem de Deus aos que participam de cultos ou reuniões evangélicas em solo brasileiro, mas não dominam o português, não é valorizada a ponto de serem feitos esforços de preparação daqueles que poderiam servir de ponte linguística para a compreensão da mensagem divina.

Há exceções, é claro. A experiência pessoal que me levou à pesquisa desta monografia se enquadra nelas.

2.2.

Caracterização de interpretação: propriedades gerais e específicas

O que é a interpretação? É a arte de ouvir, compreender, analisar e expressar uma informação ou ideia de outra pessoa. O intérprete ouve em um idioma e fala em outro. Como afirma um dos teóricos de interpretação e autor do livro *Conference Interpreting Explained*, Roderick Jones,

“o processo de interpretação é dividido em três estágios: compreensão, análise e expressão. Deve-se dar especial atenção à necessidade de uma audição ativa, à análise dos tipos de discurso, à identificação das ideias principais (quem fala/pensa o que e quando?) e ao uso da memória. O papel do intérprete é estressante (JONES, 2002 minha tradução).”⁵

Existem quatro modalidades de interpretação: interpretação simultânea, sussurrada, intermitente e consecutiva. Segue abaixo uma descrição destas modalidades:

⁵ Original em ingles: “*The whole process is broken down into three stages: understanding, analysing and re-expressing. Attention is drawn to the need for active, listening, the analysis of speech types and links, the identification of the main ideas ("who does/says/thinks what and when?") and the use of memory. The interpreter's' role as a public speaker is stressed.*” (<http://interpreters.free.fr/reading/bookreviewjones.htm>)

- a) a interpretação **Simultânea** - é quando a interpretação ocorre ao mesmo tempo em que o orador fala. Utiliza-se equipamento (móvel ou em cabine) de transmissão com fones de ouvidos e microfones para os intérpretes;
- b) a interpretação **Sussurrada** - é quando o intérprete faz a interpretação sussurrando ao ouvido daquele que necessita da tradução, pois praticamente ele é a única pessoa que precisa de interpretação. Isso acontece muito nas sessões de perguntas e respostas de um evento ou entrevistas. Também pode ocorrer para grupos pequenos de dois ou três ouvintes, quando o ambiente físico permitir, sem que a fala, mesmo que em tom baixo, atrapalhe outros ao redor;
- c) a interpretação **Intermitente** - é quando o orador faz pausas durante seu discurso após emitir cada frase ou fragmento de sentença e a interpretação é feita nesses breves intervalos; e
- d) a interpretação **Consecutiva** - é quando o orador fala durante cerca de 3 minutos seguidos. O intérprete utiliza suas anotações para lembrar-se daquele trecho do discurso e fazer a interpretação durante 2 minutos. O intérprete deve buscar ser ligeiramente mais sucinto do que o orador de modo a não cansar tanto os ouvintes falantes das duas línguas, que acabam ouvindo a mensagem repetida.

Há que se salientar que os intérpretes do meio evangélico deparam-se com algumas situações diferentes das dos intérpretes de conferência. Gostaria de traçar alguns pontos divergentes do perfil de cada um.

Em geral, o maior volume de trabalho dos intérpretes de conferências é na modalidade simultânea, enquanto que para os intérpretes do meio evangélico é interpretação intermitente que ocorre mais frequentemente. Assim, os intérpretes de conferência trabalham na maioria das vezes em cabines fechadas, com isolamento acústico, equipamentos de rádio transmissor conectados ao microfone do orador e microfones que transmitem a tradução para os ouvintes que dela necessitem por meio de receptores individuais. Já os intérpretes no meio evangélico, como trabalham, na maioria das vezes, utilizando a modalidade de interpretação intermitente, ficam em pé, à frente do público, geralmente ao lado do orador, utilizando um microfone. Em alguns casos, eles fazem a modalidade

simultânea e utilizam equipamento de rádio transmissor móvel com microfone para o intérprete e fones receptores para os ouvintes, mas sem cabine.

Para esclarecer mais precisamente as diferenças entre a interpretação de conferências em geral e a interpretação no meio evangélico e confirmar (ou não) as minhas intuições quanto às tais diferenças, irei salientar algumas características delineadas por autores seminais no campo da interpretação e comparar com a situação específica do intérprete no meio evangélico, a partir da minha experiência.

Com base no texto *Conference Interpreting Explained* (JONES, 2002), selecionei alguns trechos que descrevem a situação de trabalho dos intérpretes de conferência aos quais faço um contraponto mostrando a diferença que existe para o intérprete do meio evangélico. Os trechos seguem abaixo.

i. Quanto ao contexto:

O interprete depara-se com o problema de trabalhar em diferentes contextos e com uma enorme variedade de assuntos. (JONES, 2002, p.6)

CONTRAPONTO: o intérprete é cristão praticante, conhece a base da mensagem, que é a Bíblia Sagrada. Embora o tema específico possa variar, o contexto é sempre o mesmo e o intérprete tem conhecimento similar da área, o que lhe proporciona maior segurança e mais preparação.

ii. Quanto aos assuntos:

Algumas reuniões podem ter um conteúdo de assuntos gerais. Outras, porém, podem ser altamente técnicas. Uma reunião pode ser técnica porque se refere à tecnologia nuclear, ou porque contém termos legais, ou sobre o fornecimento de um serviço específico. (JONES, 2002, p.7, 8)

CONTRAPONTO: o intérprete do meio evangélico já está familiarizado com os termos específicos, como por exemplo: o nome dos livros do Velho e Novo Testamento, das cidades bíblicas mais importantes, dos personagens das histórias mais famosas, conhece as histórias embutidas no livro sagrado que podem servir de base para a mensagem do orador, tem conhecimento dos versículos bíblicos,

que podem ser citados, dentre outras referências que podem ser feitas. Poder-se-ia categorizar a interpretação no meio evangélico como uma tradução técnica, com terminologia e conhecimentos específicos de forma semelhante a muitos campos científicos.

Do livro *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training* (GILE, 2009), também um pilar teórico na formação de intérpretes, como a obra de Jones, destaquei outros trechos aos quais fiz contrastes com o perfil do intérprete evangélico. Seguem os trechos abaixo.

iii. Quanto a conflito de convicções:

Os intérpretes de conferência que pertencem a um grupo social, ou político, ou religioso, com fortes convicções, podem encontrar dificuldade para atuar como intérprete de um orador que seja completamente contrário ao que ele acredita ou tem como valor moral. Outros intérpretes conseguem administrar bem essa questão e não deixam afetar seu desempenho por causa de suas convicções. (GILE, 2009, p. 35)

CONTRAPONTO: o intérprete do meio evangélico não tem suas convicções violadas. O fato de o intérprete pertencer àquele ambiente e acreditar nos mesmos valores do orador contribui para que a interpretação seja feita com bastante convicção.

iv. Quanto à formação do intérprete:

O treinamento formal não é obrigatório, mas pode desempenhar pelo menos duas funções importantes. Uma é ajudar os indivíduos que desejam se tornar intérpretes ou tradutores profissionais a aperfeiçoar o seu desempenho à realização plena de seu potencial. A outra é ajudá-los a desenvolver suas habilidades de tradução mais rapidamente do que apenas no campo da experiência e autoinstrução, o que pode implicar em muitas lacunas e aprendizado por tentativa e erro. (GILE, 2009, p. 7)

CONTRAPONTO: No meio evangélico, é raro encontrar intérpretes profissionais ou que possuam um treinamento formal e específico na área de interpretação. A maioria dos intérpretes domina bem o idioma e tem conhecimento suficiente dos temas e jargões das mensagens do nicho evangélico e atua como voluntário. Às vezes, são profissionais de áreas não relacionadas a idiomas.

Para finalizar, encontrei mais um ponto interessante levantado por Taylor-Bouladon, que comenta sobre os intérpretes de conferência. Incluo-o abaixo.

v. Quanto à linguagem empregada:

Eles precisam falar como médicos, cientistas, advogados ou físicos – isso se chama registro. Precisam ser convincentes quando interpretarem radioastronomia, cardiologia ou anestesiologia e precisam pronunciar todo tipo de vocabulário científico com facilidade e fluência. (TAYLOR-BOULADON, 2007, p.47).

CONTRAPONTO: No meio evangélico, o orador não irá discursar como um advogado, ou físico, ou médico (mesmo que ele o seja). Ele será invariavelmente um ministro da Palavra de Deus. Assim, existe um registro próprio e um vocabulário específico, portanto técnico. Cabe ressaltar que um intérprete não inserido no repertório evangélico poderá encontrar dificuldades para entender e transmitir certos termos ou conceitos inerentes ao contexto bíblico. Lembro-me da estória que uma grande intérprete contou quando traduziu uma mensagem em que dizia: “a igreja era a noiva de Cristo” – a intérprete traduziu corretamente, porém com insegurança do que estava dizendo. O intérprete que é do meio não apenas entende como concorda e transmite com a mesma convicção do orador. O intérprete do meio evangélico é como um psicólogo ou um físico que domina o idioma estrangeiro e faz a interpretação de um discurso de sua área de atuação.

No geral, no entanto, e levando em conta as considerações feitas acima, o intérprete do meio evangélico é como qualquer outro intérprete profissional. Ele precisa ter um excelente ouvido para compreender o que o orador diz e habilidade para elaborar rapidamente todo o processo mental de tradução, de modo a transmitir a mesma ideia do orador na língua do público ouvinte. Para isso, é claro, precisa dominar o idioma estrangeiro. E conhecimento geral, em várias áreas do saber, sempre é bem-vindo!

A preparação prévia da temática para um evento evangélico infelizmente nem sempre faz parte da vida do intérprete que atua nesse meio, mas se os organizadores do evento se preocuparem em passar algum material previamente para o intérprete, então, ele poderá se preparar previamente. Sempre que possível, é fundamental para o intérprete evangélico ter um breve encontro com o orador

antes do evento, como ocorre com o intérprete de conferência. O intérprete evangélico também deve se preocupar com os mesmos fatores de dicção que cabem aos intérpretes de conferência

Em seu livro, Gile (2009) menciona encontros com o orador (*briefings*, em inglês) a fim de tirar dúvidas. Esses encontros podem acontecer antes da conferência ou no próprio dia, algumas horas antes do início do evento. Para que o intérprete tire maior proveito disso, ele deve ir preparado, já tendo levantado vários termos específicos para tirar as suas dúvidas. (GILE, 2009, p.145). Esse encontro com o orador também ajudará o intérprete a observar o sotaque com o qual deverá se acostumar. A entonação do intérprete deve sempre corresponder à do orador para promover o impacto que o orador deseja provocar. O intérprete (evangélico ou não) funciona como uma ponte ligando o orador ao seu público. Sendo assim, quanto menos for percebido, melhor!

Nesta seção, busquei apresentar como ocorreu o início da interpretação no meio evangélico, bem como caracterizá-la nos tempos de hoje. Fiz uma comparação entre características mais específicas ao meio evangélico e o que se espera de um intérprete de conferência, de modo a apresentar um quadro da situação em que atua o intérprete evangélico, segundo a vivência que tenho na área.

3.

METODOLOGIA

Quando decidi escrever sobre a interpretação no meio evangélico, eu já sabia que não havia nenhuma monografia ou trabalho escrito anteriormente sobre esse assunto para me servir de base ou referência na área. Portanto, para poder ter uma visão real do que se processa nessa área, entendi que seria necessário realizar um trabalho de campo. Redigi um questionário com 26 perguntas, as quais iriam me fornecer o perfil do intérprete do meio evangélico e seu contexto de atuação.

Precisava colher informações suficientes a fim de descrever a situação da interpretação entre línguas estrangeiras e a língua portuguesa no meio evangélico. Também queria descobrir quais as modalidades de interpretação têm sido mais solicitadas nesses eventos, quais requisitos os intérpretes precisam preencher para atuarem nesse serviço, se esses intérpretes se preparam antes dos eventos e como seria essa preparação, qual é a recompensa de seu trabalho, além de outras questões específicas dos intérpretes evangélicos.

Nesse estágio da monografia, eu estava muito curiosa com o que as respostas poderiam me proporcionar já que eu só tinha a minha própria experiência. Seria realmente importante conhecer a realidade e bagagem de outras pessoas que atuam no campo de interpretação evangélica, principalmente dos mais experientes, para compor um quadro mais abrangente desse nicho da interpretação. Inclusive, tive a oportunidade de entrar em contato com um dos intérpretes mais renomados do meio evangélico, o Pr. Eros Pasquini, indicado por uma colega de turma da PUC-Rio, a quem contactei por e-mail. Ele foi muito solícito e prestativo.

Depois de concluída a elaboração do questionário, o dilema estava apenas começando: a quem enviar? Eu não poderia aproveitar somente a minha equipe porque as respostas tenderiam a ser muito semelhantes e isso não iria contribuir para as descobertas que eu pretendia realizar nem trariam a visão mais ampla que eu buscava apreender. Eu precisava conhecer outras pessoas que fizessem

interpretação no meio evangélico. Lembrei-me da pessoa que havia começado o grupo de intérpretes na minha igreja, mas que não a estava mais frequentando há muitos anos. Descobri que ela nem morava mais no Brasil. Estava em Nova Iorque, trabalhando como intérprete profissional (e não mais voluntária, como na igreja). Ela tinha se especializado em um curso para intérpretes.

Inicialmente encontrei apenas oito pessoas em atuação no meio que poderiam responder ao questionário da presente pesquisa. Não era o suficiente. Recorri a uma colega de classe do curso da PUC-Rio, também cristã, que não só respondeu ao meu questionário, mas deu-me vários outros contatos que me indicaram intérpretes a quem eu poderia enviar o questionário. Além dela, uma das minhas professoras do curso de Interpretes de Conferência da PUC, que também chegou a atuar como intérprete do meio evangélico, se empenhou para conseguir outros intérpretes respondentes. Foi uma verdadeira maratona para conseguir em pouco tempo entrar em contato com pessoas com as quais eu nunca tinha tido nenhum contato. Apesar de tudo, todos aqueles a quem enviei o questionário foram muito prontos para me ajudar.

Para facilitar o envio, a resposta e, posteriormente, a reunião dos dados, elaborei uma versão eletrônica do questionário, através do site www.questionarios.com. Foi uma experiência muito rica e produtiva: o próprio questionário analisava as respostas, calculava as porcentagens, produzia gráficos, entre outras funcionalidades. Porém, havia um limite de acessos. Para poder continuar enviando o questionário para os vários intérpretes que ainda faltavam responder, seria necessário pagar uma taxa. Resolvi, então, fazer uma versão do questionário em Word, digitando as mesmas questões e formatando-o de modo que tivesse um visual idêntico ao eletrônico, evitando que a formatação tivesse alguma interferência na reação do participante ao respondê-lo. Pude, assim, continuar coletando dados de mais intérpretes, sem ter que incorrer em despesas com o site do questionário eletrônico.

A distribuição dos questionários foi feita via e-mail e por rede social da internet (*Facebook*). Foram enviados para 34 endereços eletrônicos, mas apenas 19 devolveram suas respostas. Cheguei a estender o prazo para aqueles que ainda

faltavam responder a fim de obter maior número de respondentes, sem, contudo, consegui-lo.

Embora o *site* me oferecesse uma análise de dados eletronicamente, preferi não utilizá-la para conferir individualmente as respostas. As questões que elaborei não eram em sua maioria objetivas. Havia muitas questões que solicitavam uma descrição ou justificativa. Percebi que para aproveitar melhor os recursos de análise que o *site* oferecia, eu deveria ter elaborado apenas questões objetivas.

Na devolução dos questionários, eu obtive um total de 19 questionários respondidos: 15 foram respondidos pelo site eletrônico e quatro, em arquivo de texto Word.

A análise dos dados coletados nesse trabalho foi realizada através de contagem das respostas de cada questão do questionário, somando-se as respostas idênticas e calculando-se o somatório em porcentagem.

Em meio ao processo da análise dos dados, alguns resultados demonstraram uma diferença de apenas um ponto entre as alternativas de resposta, o que me leva a deduzir que os resultados desse estudo não podem ser considerados como verdade absoluta e, tendo em vista o número restrito de respondentes, os resultados não podem ser generalizáveis. Talvez, se o número de respondentes fosse maior, os resultados poderiam ser diferentes.

4.

ANÁLISE DE DADOS

A partir dos questionários, foi possível compreender a realidade da interpretação no meio evangélico, bem como vários aspectos relativos à área, como a modalidade de interpretação mais usada, o idioma que tem sido mais solicitado nos eventos evangélicos, a preparação prévia da temática, os requisitos para se tornar um intérprete nesse meio, os equipamentos que são utilizados, a recompensa pelo trabalho voluntário, dentre outras questões.

Nesse capítulo, irei pormenorizar os resultados do que foi coletado pelas respostas aos questionários. Inicialmente, apresento o perfil dos intérpretes evangélicos respondentes, e depois detalho as respostas em relação a diversos itens que enfocam as características de sua atuação, aspectos de sua formação para a atividade de interpretação e questões referentes aos eventos.

4.1.

Perfil dos respondentes

Dos 19 questionários respondidos, 13 foram respondidos por mulheres e 6 por homens. Com relação à formação acadêmica, coletei os seguintes dados:

- 38% dos respondentes (7 pessoas) fizeram curso superior em áreas não relacionadas a idioma
- 15,8% (3 pessoas) fizeram curso de Letras (Inglês)
- 15,8% (3 pessoas) possuem curso superior de Teologia
- 10,6% (2 pessoas) fizeram curso de Comunicação no exterior
- 10,6% (2 pessoas) possuem especialização em interpretação
- 5,2% (1 pessoa) fez curso de comércio exterior

- 5,2% (1 pessoa) não possui nível universitário, mas fez o Ensino Médio (*High School*) nos Estados Unidos

Dentre os entrevistados, 73% não realizaram curso específico ou treinamento para iniciarem a atividade de interpretação. Apenas 27% se especializaram, dentre estes, dois intérpretes fizeram pós-graduação no curso da PUC-Rio – Formação de Intérpretes para Conferências.

Tais dados revelam que, em geral, não houve, até o momento, interesse em investir em capacitação para o trabalho de interpretação evangélica. É uma questão importante que retomarei mais adiante nas minhas conclusões gerais.

As pessoas que atuam como intérpretes no meio evangélico normalmente são pessoas que tiveram uma vivência no exterior durante muitos anos e, portanto, compreendem perfeitamente a língua estrangeira como se fosse quase a sua língua materna. São pessoas que têm naturalmente um dom de fazer a interpretação.

Quanto à manutenção do idioma, 92,4% dos respondentes afirmaram que estudam constantemente o idioma para o qual faz interpretação, enquanto que 7,6% disseram que não fazem nada intencional para melhorar o idioma estrangeiro. A manutenção do idioma é feita, segundo as respostas recebidas, através de viagens internacionais, leituras da bíblia nos dois idiomas, leitura de artigos, jornais no idioma estrangeiro, audição de *podcasts*, filmes, músicas e uma rotina de estudos diários do idioma.

É interessante notar que há, entre os intérpretes participantes da pesquisa, uma preocupação em desenvolver o idioma estrangeiro para ampliar seus conhecimentos de vocabulário, de estruturas sintáticas, de terminologias específicas. Não apareceu nos questionários, porém, o interesse no desenvolvimento da língua materna. Talvez pelo fato de que a língua materna é a língua de partida na atividade que desenvolvem e dela têm, ou julgam ter, maior conhecimento por serem falantes nativos.

4.1.1.

Locais onde os intérpretes entrevistados realizam a interpretação

Era de grande importância que os respondentes pertencessem a igrejas de denominações diferentes e atuassem em lugares diversos para que eu pudesse coletar a maior variedade possível de ambientes de trabalho com os questionários. Nem sempre o intérprete presta seus serviços na igreja onde frequenta por não haver tal necessidade; sendo assim, ele atende a outras igrejas que o chamam para prestar esse serviço de acordo com a demanda.

Abaixo, segue em ordem alfabética a relação dos locais onde os respondentes atuam, ou já atuaram, como intérpretes:

- Assembleia de Deus
- Ceizs Suíça (IEG Church)
- Comunidade Água Viva
- Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul
- Comunidade Evangélica Monte Horebe
- Conferência LIDERE para pastores e líderes - Projeto Vida Nova de Irajá - Rio de Janeiro
- Conferência Teológica da Editora FIEL - Águas de Lindóia - SP
- Convenção Batista Brasileira e igrejas batistas nos EUA (Tennessee)
- Escola Bíblica Torchbearers Sweden
- Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo - Rio de Janeiro
- Igreja Batista da Fé
- Igreja Presbiteriana do Recreio
- JOCUM (Jovens Com Uma Missão)
- Ministério Global Awakening
- Ministério Internacional Filadélfia
- Save the Nations Church- Davie, Florida
- Seminário Teológico Batista de Campinas

Conforme a listagem acima, os ambientes onde os intérpretes atuaram, ou têm atuado, apresentam grande diversidade cultural, já que temos desde igrejas tradicionais a cruzadas missionárias, movimentos de evangelismo, igrejas renovadas de várias denominações diferentes, apontando, portanto, para realidades distintas. Isso contribui com o objetivo de conhecer maior variedade de ambientes de trabalho pelos questionários.

4.1.2.

Tempo em que existe a necessidade de interpretação nesses locais

Se voltarmos à história das igrejas, a necessidade de interpretação existe desde 1860, com a vinda do primeiro missionário Batista no Brasil, Thomas Jefferson Bowen, e dos missionários estrangeiros que vieram posteriormente para implantar também a sua denominação congregacional. Cada igreja possui a sua história e a necessidade de interpretação ocorreu de forma bem variável. Das igrejas tradicionais, apenas a Convenção Batista continua realizando eventos com necessidade de interpretação (veja quadro abaixo).

Nesse estudo, procurei saber quanto tempo faz que a igreja (ou local de trabalho) desses intérpretes necessita do serviço de interpretação. Dos 19 intérpretes entrevistados, dez atuam somente em suas próprias igrejas e nove intérpretes não atuam somente em suas igrejas locais. Eles são chamados para atuarem em lugares diferentes, de acordo com a necessidade dos eventos evangélicos.

Dentre aqueles que somente trabalham em suas próprias igrejas consegui fazer o seguinte levantamento com relação à necessidade de interpretação em cada local:

Tabela 1: Tempo de interpretação nas igrejas/comunidades

Igreja (ou local)	Há quantos anos existe necessidade de interpretação
Conferência FIEL para pastores e líderes	29 anos
Ligonier National Conference	23 anos
Convenção Batista	16 anos
IEG Church Zurich	15 anos
Ceizs Florida	08 anos
Comunidade Internacional da Zona Sul	07 anos
Global Awakening	07 anos

Save the Nations Church	06 anos
Escola Bíblica Torchbearers Sweden	01 ano
Igreja Presbiteriana do Recreio	01 ano

Com o passar do tempo, as igrejas que se instalaram no Brasil através de missionários estrangeiros não precisaram mais de tradução das mensagens dos sermões porque eles aprenderam o português. A interpretação se fazia necessária quando vinha algum representante estrangeiro da “igreja mãe” que não sabia o português. Hoje não existe tal vínculo com igrejas no exterior e, portanto, não há necessidade de interpretação das mensagens. Exceção a essa regra, é a Convenção Batista, que há 16 anos realiza eventos em que a interpretação se faz presente. A igreja presbiteriana foi citada acima, porém, tais eventos são bem esporádicos.

O tempo de experiência dos intérpretes entrevistados não está atrelado ao início da necessidade de tradução na igreja. O intérprete que hoje é considerado como referência no meio evangélico é o Pr. Eros Pasquini Jr. Ele possui 30 anos de experiência, é um profissional na área *gospel*, mas não atua como intérprete na igreja onde ele congrega, porque lá não existe tal necessidade.

O quadro acima demonstra que um local tem utilizado o serviço de interpretação há mais tempo do que outro. Além disso, a frequência da interpretação também varia de um local para outro. Enquanto um local tem necessidade de interpretação apenas em momentos pontuais, como Seminários em determinado período do ano, por exemplo, outros locais precisam de interpretação constantemente devido à presença permanente de estrangeiros nos cultos.

Tendo em vista que há a necessidade de interpretação há muito tempo, considerando as respostas obtidas, mesmo que não seja com frequência regular, é de se esperar que haja um número significativo de intérpretes evangélicos. No entanto, não parece ser esta realidade apresentada pelos respondentes.

4.2.

Línguas de trabalho no meio evangélico

Definimos como língua de trabalho a língua que o intérprete usa para realizar a interpretação. Chamamos de língua “A” a língua nativa do intérprete. Língua “B” é a língua estrangeira da qual ele tem amplo domínio e para qual ele irá

interpretar. Dependendo do evento evangélico, a interpretação pode ser mais frequente da língua A para a língua B.

Na tabela a seguir, estão citados os idiomas que são utilizados por esse grupo de intérpretes entrevistados, bem como a quantidade de intérpretes que realiza a interpretação do idioma correspondente (alguns falam mais de dois idiomas).

Tabela 2: Línguas estrangeiras na interpretação no meio evangélico

Línguas de trabalho	Intérpretes
Inglês-Português e Português-Inglês (A-B,B-A)	57,9% (11 pessoas)
Português-Inglês (A-B)	31,5% (6 pessoas)
Espanhol-Inglês (B-B)	15,7% (3 pessoas)
Português-Alemão (A-B)	15,7% (3 pessoas)
Inglês-Português (B-A)	10,5% (2 pessoas)
Português-Espanhol (A-B)	5,2% (1 pessoa)
Alemão-Português (B-A)	5,2% (1 pessoa)

Conclui-se que a dupla de línguas de trabalho mais usada por esse grupo de intérpretes é a língua inglesa e a língua portuguesa. Observei que a maioria dos intérpretes faz a tradução tanto da língua estrangeira para a língua materna quanto da língua materna para a língua estrangeira ($B \rightarrow A$, $A \rightarrow B$). As combinações menos usadas entre os intérpretes que participaram desta pesquisa foram: do Português para Espanhol ($A \rightarrow B$) e do Alemão para o Português ($B \rightarrow A$).

Foi interessante verificar a pequena variedade de línguas empregadas na interpretação evangélica e como o inglês é preponderante. Embora o predomínio do inglês já fosse esperado, foi muito bom ver que a pesquisa empírica confirma a nossa intuição prévia.

4.3.

Requisitos para alguém se tornar intérprete no meio evangélico

Perguntei aos intérpretes do meio evangélico quais são os requisitos para alguém atuar nesse nicho. E foram essas as respostas mais comuns:

- Fluência e habilidade - o requisito mais mencionado pelos respondentes foi a

fluência nos dois idiomas e ter a habilidade necessária para traduzir. Não basta saber bem o idioma, é necessário ter a habilidade de ouvir em uma língua, raciocinar, encontrar a mesma ideia no outro idioma e transmiti-la em outro idioma, em um curtíssimo prazo de tempo;

- Ser cristão - essa foi a segunda característica mais mencionada pelos respondentes. Um deles chegou a dizer que um intérprete cristão é como um médico trabalhando como intérprete em um evento de medicina, pois ele tem conhecimento do assunto;

- Conhecer bem a Bíblia - O assunto principal nos eventos evangélicos está baseado na Bíblia; portanto, um cristão que conhece bem a Bíblia está familiarizado com o vocabulário e terá mais facilidade em compreender e interpretar a mensagem; e

- Ter um espírito voluntário – no meio evangélico é muito comum pessoas prestarem esse serviço de intérprete sem cobrar por ele. Às vezes, ele recebe uma oferta, às vezes não recebe nada em troca, e, em raros casos, ele é profissionalmente remunerado.

Em conclusão, verificou-se que para tornar-se um intérprete do meio evangélico, a pessoa precisa ser fluente em duas línguas e capaz de realizar a interpretação; deve ser cristão e ter em sua vida princípios de conduta de acordo com a doutrina cristã; precisa conhecer bem a Bíblia nas duas línguas de trabalho; e, acima de tudo, deve ter um espírito voluntário.

É importante destacar o comentário feito pelo respondente que compara o intérprete evangélico com um médico trabalhando como intérprete em evento de medicina. Certamente, espera-se que um médico que tenha formação e experiência em interpretação simultânea será melhor intérprete do que outro intérprete sem esta formação específica em medicina (mesmo que tenha estudado o assunto da conferência com afinco). Nem sempre acontece assim, no entanto. Sabe-se que a competência e desempenho de um intérprete não depende somente da proximidade de sua formação acadêmica com a temática do evento em que vai trabalhar, resguardado o fato de que tenha preparação/treinamento em interpretação em si. Assim é que, creio eu, não basta a um intérprete evangélico

ser cristão. Há vários outros requisitos em questão – ser cristão pode ser um adendo para sua melhor atuação, mas não será um fator tão preponderante.

4.4.

Demanda do serviço de interpretação no meio evangélico

Através do relato dos intérpretes, pude perceber que houve um declínio na frequência de eventos evangélicos com necessidade de interpretação desde 2005. A seguir, uma demonstração da frequência de prestação de serviço de interpretação dada pelos entrevistados:

Tabela 3: Frequência da interpretação no meio evangélico

1x/semana	2 a 3x/mês	4x/ano	Anualmente	Raramente
3 pessoas	3 pessoas	2 pessoas	4 pessoas	7 pessoas

A igreja da qual eu faço parte, a Comunidade Internacional da Zona Sul, frequentemente recebe visitantes estrangeiros necessitando de interpretação simultânea. Às vezes, esses visitantes vêm morar no Rio de Janeiro durante 6 meses ou 1 ano, e durante esse período é oferecido a eles, gratuitamente, a interpretação simultânea das mensagens das pregações em todos os cultos. Por isso, existe uma equipe de vários intérpretes que se revezam em escalas previamente elaboradas.

Esta situação de grande frequência de serviços de interpretação no meio evangélico é rara. Nenhum dos respondentes, membros de outras comunidades cristãs, apontou para situações tão regulares como a que relato acima.

4.5.

Trabalho em dupla e revezamentos

Numa interpretação simultânea, em cabine, os intérpretes de conferência trabalham em dupla e é comum haver revezamento entre os colegas a cada 20 ou 30 minutos para que o intérprete possa descansar e preservar a qualidade da interpretação. Esta é uma norma internacional, adotada pela AIIC⁶, conforme se

⁶ AIIC – Associação Internacional de Intérpretes de Conferências.

comprova no item 3º do artigo 6º das normas profissionais AIIC (<http://aiic.net/professional-standards>).

No levantamento realizado nesse trabalho, identifiquei que 52% dos intérpretes do meio evangélico trabalham em dupla e fazem revezamento, mas 48% responderam que trabalham sozinhos. Eles alegam que só dividem o tempo com outra pessoa se o evento durar o dia todo, outros afirmam que não se revezam com outro quando não sentem segurança no colega.

O revezamento difere entre os grupos de intérpretes desse segmento. Encontrei apenas dois intérpretes afirmando que, ao trabalharem em dupla, revezam o tempo de interpretação a cada 20 ou 30 minutos, enquanto que todos os outros fazem revezamento após uma ou duas horas de interpretação.

Há várias maneiras de dividir o tempo do revezamento no meio evangélico. Pode-se estipular o revezamento de acordo com o orador, por exemplo: em um painel, um intérprete traduz o moderador e o outro intérprete traduz os participantes do painel que responde às perguntas. Na Comunidade Zona Sul, o revezamento acontece da seguinte forma: um intérprete começa seu trabalho no momento da mensagem de abertura do culto e a mensagem de ofertas (aproximadamente 30 minutos), e na hora da pregação principal ele reveza com outro intérprete que atua por 1h30.

Importante ressaltar que se o tipo de interpretação for a interpretação simultânea/sussurrada, o tempo de trabalho pode demorar de 1h a 1h30 com revezamento entre as mensagens de abertura e a mensagem principal. Se for interpretação intermitente, o tempo de trabalho pode ser maior, de 2h a 3h, e o revezamento pode acontecer quando houver um intervalo. Não é comum haver interrupção de um sermão, por exemplo, para a troca de intérpretes.

Embora estas formas de atuação não sigam as normas estipuladas pelas organizações internacionais que respondem pela qualidade da interpretação, talvez sejam mais adequadas à realidade do meio evangélico.

4.6.

Tipos de eventos

Os eventos evangélicos que requerem interpretação de língua estrangeira podem ser: congressos, conferências, palestras, sermão principal do culto, reuniões formais com os líderes, reuniões informais com os fiéis (cultos), entrevista com personalidades evangélicas, apresentações musicais e outros.

Os eventos nos quais os intérpretes pesquisados trabalharam recentemente estão listados abaixo em ordem alfabética:

- Conferência Global Awakening – São Paulo – SP
- Conferência Internacional da Palavra Profética – Águas de Lindoia – SP, Poços de Caldas – MG, e Jerusalém (Israel)
- Conferência Lidere – Projeto Vida Nova de Irajá
- Conferência Teológica FIEL - Águas de Lindóia - SP
- Conferências para público em geral (para mulheres, casais e jovens)
- Congresso Mundial da Juventude Batista – Cingapura
- Cruzadas Missionárias - Igreja Batista
- Conferência de Avivamento - Ceizs, RJ
- Cultos na Igreja Presbiteriana do Recreio - RJ
- Faculdade Teológica Batista – Campinas - SP
- Ligonier National Conference – Orlando, FL – U.S.A.
- Palestra da autora Sheila Walsh, Assembleia de Deus - RJ
- Projeto Um milhão de líderes – Projeto Vida Nova de Irajá
- Reuniões semanais na igreja

Como mencionado anteriormente, 52,6% dos intérpretes do meio evangélico não trabalham apenas para a igreja onde frequentam. Eles são chamados a eventos diversos organizados por outras igrejas ou organizações. Entretanto, 47,4% dos intérpretes entrevistados trabalham somente para os eventos da sua igreja local.

A organização de cada evento é quem determina qual modalidade de interpretação

será realizada: intermitente, simultânea, sussurrada ou consecutiva. Foi feito um levantamento nesse estudo sobre qual modalidade de interpretação era mais comum em alguns tipos de eventos – e isso será abordado no item 4.8.

4.7.

A nacionalidade dos oradores

Os eventos do meio evangélico são organizados por instituições ligadas às igrejas e os oradores são procedentes de nacionalidades do mundo todo. Através de um questionário enviado aos intérpretes, descobri a procedência dos oradores para os quais eles trabalharam. Em seguida, registrei a porcentagem dos intérpretes que traduziram para cada nacionalidade apontada. Veja o resultado:

Tabela 4: Nacionalidade dos oradores na interpretação no meio evangélico

Nacionalidade dos oradores	Intérpretes
Americanos	61 %
Brasileiros	42 %
Inglêses	10 %
Canadenses	10 %
Argentinos	10 %
Indianos	10 %

Concluimos que na experiência de 61% dos intérpretes, a grande maioria dos palestrantes é de origem americana. 42% dos intérpretes fazem tradução de oradores brasileiros para outras línguas. Chamamos esse tipo de interpretação de “interpretação para a língua B”. O índice cai para 10% para os oradores de outras nacionalidades que falam o inglês como: os ingleses, os canadenses, os argentinos e os indianos.

As nacionalidades dos oradores interpretados por 5% por respondentes foram: escoceses, sul-africanos, chineses, caribenhos, ucranianos, alemães, austríacos, finlandeses, colombianos, porto-riquenhos.

Vemos, portanto, que o inglês é a língua preponderante, como já apontado anteriormente na Seção 4.4. Infelizmente, não foi incluída no questionário alguma pergunta quanto à dificuldade de compreensão dos diferentes sotaques. Como, possivelmente, muitos dos estrangeiros receberam a tradução para o inglês, vinda de um orador brasileiro, o sotaque deles não interferiu muito na comunicação, já que o tempo de fala destes estrangeiros seria, nesses casos, limitado.

4.8.

As modalidades de interpretação e equipamentos de tradução

Como já vimos anteriormente, existem quatro modalidades de interpretação: a simultânea, a sussurrada, a intermitente e a consecutiva. Dependendo da modalidade, o intérprete utilizará um tipo de equipamento diferente.

A interpretação simultânea pode ser realizada utilizando-se um equipamento móvel com rádios transmissores para o intérprete e para os ouvintes, ou utilizando-se cabine com sistema conectado ao microfone do orador e com radiotransmissores para os ouvintes.

A interpretação intermitente e a consecutiva podem ser realizadas utilizando-se apenas o microfone do orador e o do intérprete.

A interpretação sussurrada não necessita de equipamento.

Pesquisei para descobrir quais modalidades eram mais usadas no meio evangélico. O quadro a seguir demonstra cada modalidade e a quantidade dentre os intérpretes entrevistados que trabalham com essas modalidades.

Tabela 5: Modalidades de interpretação mais frequentes no meio evangélico

Simultânea	Sussurrada	Intermitente	Consecutiva
17 pessoas (89%)	12 pessoas (63%)	14 pessoas (73,6%)	6 pessoas (31%)

De acordo com os dados acima, 89% dos intérpretes entrevistados do meio evangélico fazem a interpretação simultânea, 73,6% fazem a interpretação intermitente, 63% também já fizeram a modalidade sussurrada e 26,3%, a

consecutiva. Os intérpretes estão aptos a realizar mais de uma modalidade, de acordo com a necessidade.

Com relação aos equipamentos, os intérpretes desse segmento utilizam os seguintes equipamentos demonstrados a seguir.

Tabela 6: Equipamentos utilizados na interpretação no meio evangélico

Somente microfone do orador e do intérprete	Equipamento móvel (radio transmissor)	Microfone do orador e do intérprete e equipamento móvel	Cabine
7 pessoas (37%)	8 pessoas (42%)	3 pessoas (16%)	1 pessoa (5%)

Aqueles que responderam que utilizam somente o microfone do orador e do intérprete são os que atuam em interpretação intermitente. Os que responderam que utilizam equipamento móvel são aqueles que fazem interpretação simultânea. Os que utilizam os dois equipamentos são os que atuam nas duas modalidades. E apenas um intérprete respondeu que utiliza cabine em evento evangélico.

Outra questão que me despertou interesse foi em quais tipos de eventos cada modalidade era mais comum na experiência desses intérpretes. Liste alguns tipos de eventos/situações mais comuns no meio evangélico e solicitei aos entrevistados que marcassem com um (X) na(s) modalidade(s) de interpretação que ocorre(m) em cada um deles. Eles poderiam marcar mais de uma modalidade possível para o mesmo evento. Veja o resultado abaixo.

Tabela 7: Tipos de eventos e modalidade de interpretação empregada

Tipos de eventos	Simultânea	Sussurrada	Intermitente	Consecutiva
Sermão principal do culto	11 pessoas (58 %)	6 pessoas (31%)	12 pessoas (63 %)	2 pessoas (10%)
Cursos	7 pessoas	0 pessoas	10 pessoas	1 pessoa
Reuniões formais com líderes	5 pessoas	4 pessoas	11 pessoas	1 pessoa
Reuniões informais c/ fiéis	4 pessoas	5 pessoas	9 pessoas	1 pessoa
Entrevista com personalidades evangélicas	2 pessoas	3 pessoas	7 pessoas	1 pessoa
Musicais	4 pessoas	2 pessoas	6 pessoas	0 pessoas

De acordo com o quadro acima, verificamos que 63% dos entrevistados relataram que, na sua experiência, a modalidade de interpretação intermitente ocorre com grande frequência num sermão principal de culto, além de cursos promovidos pelas igrejas e nas reuniões formais com líderes. Em segundo lugar, a modalidade da interpretação simultânea é citada como a mais usada (58%) e ocorre com maior frequência nos sermões. A interpretação sussurrada ocorre em menor escala (apenas na experiência de 31% dos intérpretes entrevistados). Ela pode ocorrer nos sermões. A interpretação consecutiva foi a modalidade menos votada. Apenas 10% dos intérpretes têm trabalhado com a consecutiva no meio evangélico.

Considerando que a frequência da interpretação não é, na maioria dos espaços evangélicos, grande, entende-se a preferência pela interpretação intermitente. Esta não exige equipamentos especiais, além do(s) microfone(s) para o orador e o intérprete. Também pode ser aprendida mais facilmente em serviço por indivíduos que têm maestria na língua nativa e na língua estrangeira. Aparentemente, a modalidade simultânea é utilizada somente em casos muito específicos e com um público menor. Neste caso, usa-se o equipamento móvel. Observa-se que em apenas uma igreja há um treinamento específico dirigido àqueles que atuarão como intérpretes.

4.9.

O público ouvinte da interpretação simultânea

Existia uma curiosidade da minha parte em saber para quantos ouvintes os meus colegas costumavam interpretar. Na minha realidade, a quantidade de visitantes estrangeiros que visita a minha igreja varia muito. Às vezes recebemos apenas duas pessoas, outras vezes, um grupo de missionários. Em média, temos de 1 a 15 ouvintes estrangeiros. Decidi investigar a realidade de outros intérpretes e fiz a seguinte pergunta: “Nas situações em que você atua com interpretação simultânea, para quantos ouvintes em média você traduz?” E descobri que:

. 26% dos intérpretes atendem em média a apenas 2 pessoas.

- . 16% dos intérpretes atendem em média a 3 pessoas.
- . 5% dos intérpretes atendem em média de 3 a 7 pessoas.
- . 5% dos intérpretes atendem em média a 200 pessoas.
- . 5% dos intérpretes atendem a 1.000 ou mais pessoas.

Considerando que a pergunta foi redigida da seguinte forma: “Nas situações em que você atua com interpretação simultânea/sussurrada, para quantos ouvintes estrangeiros em média você traduz?”, as respostas trouxeram a experiência do intérprete sem que houvesse algum direcionamento por parte da pesquisadora. A resposta do mais renomado intérprete apontou que sua experiência frequente foi com a simultânea, a depender do evento, obviamente. Comentou que já havia interpretado onde havia mais de 1.000 ouvintes. No caso em que empregara a sussurrada, eram, no máximo, duas pessoas ouvindo.

Vemos, pois, que a realidade de atuação dos intérpretes é muito mais junto a pequenos grupos. Os cursos, conferências ou grandes eventos raramente utilizam a interpretação simultânea.

4.10.

A preparação do intérprete do meio evangélico

No curso da PUC-Rio – Especialização em Formação de Intérpretes de Conferências, eu aprendi sobre a importância da preparação do intérprete antes de qualquer evento. Fiquei tão entusiasmada com a melhora no meu desempenho de interpretação nos treinos da faculdade quando eu fazia uma boa preparação, que comecei a ensinar a minha equipe na igreja a se preparar antes de cada evento (temos cinco grandes conferências por ano).

A partir de então, sempre que recebemos algum orador estrangeiro para uma conferência, a equipe de intérpretes pesquisa os vídeos, os livros, os artigos e tudo o que a mídia dispõe sobre aquela personalidade para nos familiarizarmos com o vocabulário, o ritmo, o sotaque do orador, e curiosidades afins.

Uma vez que a preparação não fazia parte da nossa realidade como igreja, eu resolvi pesquisar se os intérpretes entrevistados se preparam de alguma forma antes de cada evento. Descobri, então, que:

- . 78,9 % (15 pessoas) preparam-se antes de um evento.
- . 21,1 % (04 pessoas) não se preparam antes de um evento.

Aos intérpretes que se preparam ofereci uma lista de itens que poderiam fazer parte da preparação anterior ao evento. Eles deveriam marcar quais itens eles usam na sua preparação. Veja o resultado abaixo.

Tabela 8: Formas de preparação dos intérpretes no meio evangélico

Forma de preparação	Intérpretes
Assistir a vídeos do orador	47% (9 pessoas)
Ler material enviado pela organização do evento	42% (8 pessoas)
Ler artigo escrito pelo autor	10% (2 pessoas)
Elaborar glossário específico	10% (2 pessoas)
Ler artigo publicado pela mídia	5% (1 pessoa)
Concentração (entrou no item: “outros”)	5% (1 pessoa)
Oração (entrou no item: “outros”)	5% (1 pessoa)

Esses intérpretes que se preparam previamente usam mais de uma forma de preparação, mas a grande maioria prefere usar a internet e assistir a vídeos do orador antes do evento. A leitura do material enviado pela organização do evento foi a segunda opção de preparação mais votada. Poucos intérpretes leem algum artigo escrito pelo autor, e fazer glossário específico também não é algo comum para esses intérpretes. Não há muitos artigos publicados pela mídia, por isso, poucos assinalaram essa forma de preparação. Concentração e oração não constavam da minha lista, porém duas pessoas escolheram opção “outros” e escreveram nesse item estas ‘modalidades’ como a sua forma própria de se preparar.

4.11.

Os idiomas mais solicitados para interpretação

Na igreja onde eu frequento e presto serviço de interpretação, as pessoas que nos visitam e necessitam de tradução têm sido, na sua maioria, de nacionalidade americana. No entanto, o idioma espanhol é também bastante solicitado.

Esporadicamente recebemos visitantes dos idiomas italiano e alemão e raramente de francês.

Com o objetivo de pesquisar quais os idiomas que têm sido mais solicitados recentemente no meio evangélico, incluí no questionário a pergunta:

“Ultimamente, quais idiomas estrangeiros têm sido mais solicitados para interpretação no meio evangélico em que vive? (inclua também os eventos nos quais você não trabalhou ou os idiomas que não domina.)”. Obtive o resultado demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 9: Idiomas mais frequentes na interpretação no meio evangélico

Idiomas	Intérpretes
Inglês	84%
Espanhol	63%
Alemão	31%
Português	21%
Italiano	16%
Francês	5%

Assim, observamos que na realidade vivenciada pelos intérpretes entrevistados, o idioma mais solicitado para interpretação no meio evangélico é o inglês, com 84,21% de respondentes confirmando essa informação. O segundo idioma mais solicitado é o espanhol (63%) e na sequência o alemão (31,5%), o português (21%) se o intérprete estiver fora do Brasil, o italiano (15,7%) e o francês (5,2%).

Essa distribuição de frequência de demanda das línguas é bem próxima da demanda do mercado leigo, conforme comentários informais ouvidos dos professores do curso da PUC-Rio.

4.12.

A carga horária de trabalho

A carga horária do intérprete é uma questão muito discutida hoje em dia.

Como não é uma profissão regulamentada, existem associações como a APIC⁷ e a AIIC⁸ que visam zelar pela qualidade da atuação profissional, representar os interesses de seus membros e estabelecer as condições de trabalho adequadas para os que escolheram a carreira de intérprete de conferências. Pelo regulamento dessas associações, a jornada de trabalho do intérprete não pode passar de 6 horas por dia. Se ultrapassar, a empresa contratante deverá pagar horas-extras.

O serviço de interpretação prestado nas igrejas não é um trabalho profissional e sim voluntário. Geralmente, o intérprete é alguém de confiança dos organizadores do evento e que domina os dois idiomas com os quais irá trabalhar.

Ao questionar sobre a carga horária dos intérpretes do meio evangélico, cheguei ao seguinte resultado:

Tabela 10: Horas de trabalho/dia dos intérpretes do meio evangélico

Horas/dia	Intérpretes
1h – 1h30	8 pessoas (42%)
2h	7 pessoas (37%)
3h – 4h	1 pessoa (5%)
3h – 8h	1 pessoa (5%)
12h	2 pessoas (10%)

Podemos observar no quadro anterior que os 42% dos intérpretes do meio evangélico que participaram desse estudo atuam durante 1 hora a 1 hora e meia. É geralmente esse o tempo de uma pregação, ou seja, um sermão principal de culto. Esse tempo pode variar até 2 horas, dependendo da situação. Outros intérpretes (37%) afirmaram trabalhar por 2 horas. Apenas uma pessoa (5%) respondeu que passa de 3 a 4 horas fazendo interpretação. E mais uma pessoa (5%) respondeu que o tempo que fica interpretando pode variar de 3 a até 8 horas. Duas pessoas (10%) responderam que passam até 12 horas com o grupo. Mas, na verdade, uma delas não fica disponível tanto tempo assim desde 2007, pois fez o curso da PUC-Rio e hoje é profissional.

Considerando que a maioria trabalha até 2 horas e está, possivelmente, fazendo

⁷ APIC – Associação Paulista de Intérpretes de Conferências

⁸ AIIC – Associação Internacional de Intérpretes de Conferências

uma interpretação intermitente, ou mesmo simultânea, não estaria violando as normas das organizações representativas, que pregam até 1 hora ou 1 hora e meia para um intérprete em simultânea e 2 horas para um intérprete em consecutiva/intermitente.

4.13.

O que recompensa o trabalho voluntário?

É preciso muita disposição para passar um dia inteiro com um grupo de estrangeiros, interpretando mensagens, acompanhando para vários lugares, dando informações, parando somente para almoçar, retornando logo depois. Quando não é o dia inteiro, o intérprete passa de 3 a 8 horas durante 5 dias em uma sala de conferências. Ou a situação pode ser o trabalho de 1 hora a 1 hora e meia de duração, mas todos os dias! Qual é a recompensa desses intérpretes, uma vez que trabalham não visando o retorno financeiro?

Coloquei no meu questionário a seguinte pergunta: “Sua colaboração em atuar como intérprete é recompensada de que forma?” E obtive o seguinte resultado:

. 8 intérpretes (42% do total) afirmaram que o trabalho é voluntário e não há recompensa.

. 6 intérpretes (32%) responderam que a recompensa é servir ao reino de Deus e sentir o prazer de ajudar outras pessoas a receberem a mensagem pregada e participarem livremente do evento. Os agradecimentos dos ouvintes também traz grande satisfação pessoal.

. 5 intérpretes (26%) recebem ofertas voluntárias, de acordo com a possibilidade dos organizadores. Não é um valor estipulado previamente.

. 1 intérprete (5%) estipula o valor a ser recebido previamente.

Conclui-se que a palavra “recompensa” para alguns tem conotação apenas financeira enquanto que para outros pode significar algo mais abstrato. Assim,

quando alguns intérpretes responderam que não há recompensa porque o trabalho é voluntário, eu entendo que eles não possuem expectativa de serem recompensados financeiramente.

O grupo que entende que a palavra “recompensa” pode ter uma conotação mais abstrata expressa a satisfação que tem quando o retorno, embora não financeiro, seja a possibilidade de usar um dom natural dado por Deus.

O terceiro grupo é recompensado financeiramente, embora o valor seja simbólico, apenas uma oferta de gratidão pelo serviço prestado. Mesmo assim, os intérpretes encaram esse serviço como um ministério e, portanto, o realizam com boa vontade.

Apenas um intérprete (Pr. Eros Pasquini) recebe pagamento pelo serviço de interpretação e ele costuma estipular o valor antecipadamente. Com igrejas parceiras ele já tem os valores previamente combinados, para outras organizações ele inclui transporte e alimentação.

Diante do exposto, concluo que existem várias formas de recompensa. Os intérpretes sentem-se recompensados (ou não) de alguma forma e continuam atuando junto às igrejas ou locais organizadores, cientes de que estão contribuindo com o reino de Deus e para a boa comunicação e interação entre as pessoas de idiomas distintos.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa e os dados coletados nos questionários respondidos pelos intérpretes apontaram para uma análise sobre a situação da interpretação entre as línguas estrangeiras e a língua portuguesa no meio evangélico.

Ao analisar o perfil dos intérpretes respondentes, observamos que a maioria não é profissional da área de Letras ou de tradução-interpretação e nem se especializou para iniciar essa atividade. Em geral, não há conscientização da importância de se qualificar para a atividade da interpretação (ou mesmo conhecimento de que há cursos para tal ou que se pode criar a demanda por treinamentos específicos para este ramo da interpretação). O serviço de tradução no meio evangélico é voluntário (sem pagamento) e, portanto, não é o foco principal do intérprete.

Os intérpretes são profissionais de áreas diversas, pertencentes a uma denominação cristã evangélica e são fluentes nas línguas que interpretam. São muito dedicados e comprometidos a estudar a língua estrangeira. 92,4% dos intérpretes afirmaram que têm uma disciplina de estudos através de leituras da Bíblia nos dois idiomas, jornais estrangeiros, *podcasts*, filmes, músicas, etc. Entretanto, não basta apenas ser fluente nos idiomas e ter a habilidade necessária para interpretar. As pessoas que desejam se tornar intérpretes nesse meio precisam também preencher os seguintes requisitos: ser cristão e pertencer a uma denominação evangélica, conhecer bem a Bíblia e ter um espírito voluntário. Aparentemente, não há conscientização quanto à necessidade de aprimoramento da língua materna – requisito fundamental para os intérpretes em geral. Noções de postura, ética, técnicas de interpretação e normas de trabalho também não são disseminadas entre os indivíduos que exercem a interpretação no meio evangélico.

Os intérpretes do meio evangélico não atuam necessariamente nas igrejas onde são membros. Eles prestam serviço de interpretação em locais diversos. E as modalidades de interpretação mais usadas nos eventos evangélicos são a interpretação simultânea, a intermitente e a sussurrada, quando necessário.

Nesse nicho, os intérpretes não trabalham normalmente em cabine com isolamento de som. Eles utilizam equipamento de rádio transmissor móvel, com fones para os ouvintes quando fazem a interpretação simultânea. Quando há

muitos ouvintes, optam pela interpretação intermitente. Em locais onde há mais frequência de interpretação simultânea, talvez fosse o caso de se apontar para o uso de equipamento fixo – a cabine e o cabeamento para o sistema de som. No entanto, tal despesa pode não compensar em função do uso irregular e o baixo público da interpretação.

De acordo com os dados coletados através de questionário, 89% dos intérpretes do meio evangélico fazem a interpretação simultânea, enquanto que 73,6% fazem a interpretação intermitente. Esses dados me causaram surpresa, pois eu esperava que a maior demanda de interpretação nos eventos evangélicos fosse de interpretação intermitente.

Essa informação foi confirmada quando perguntei aos intérpretes qual equipamento utilizam. Como resposta, 8 pessoas responderam que fazem uso somente de radio transmissor, o que significa que eles fazem interpretação simultânea e 7 responderam que fazem somente com o microfone do orador e do intérprete, o que significa que eles fazem interpretação intermitente. Outros 3 responderam que fazem as duas modalidades. E mais um afirmou que usa cabine, portanto, esse também faz interpretação simultânea. No entanto, a modalidade intermitente venceu por apenas um voto a simultânea com relação à frequência de interpretação durante os sermões de culto principal. Esse foi o evento mais votado. Talvez esse quadro esteja distorcido em função do baixo número de respondentes e pelo fato de haver certa concentração de intérpretes com experiência similar, oriundos das mesmas congregações ou igrejas. Um estudo com maior número de respondentes, abrangendo comunidades mais diversas, denominações mais variadas e, talvez, um maior número de cidades e países onde atuam os intérpretes apresentaria um panorama diferente. No entanto, os dados desta pesquisa, mesmo que limitados, já apresentam informações interessantes e, em certos casos, surpreendentes – contrastantes com o que esta autora esperava. Como dito anteriormente, os resultados aqui obtidos apenas apontam para aspectos encontrados no meio evangélico, sem poderem ser generalizáveis a todos os contextos da interpretação nesse meio.

Foi também observado nesse estudo que 42% dos intérpretes desse nicho atendem a um público bem pequeno quando fazem a modalidade simultânea (somente 2 a 3

peças por evento). Ao contrário, quando se trata de interpretação intermitente, os intérpretes chegam a ter de 200 a 1.000 ouvintes ou mais.

A igreja onde sou membro, a Comunidade Internacional da Zona Sul, acabou de realizar um evento anual para mulheres no HSBC Arena, em 17 de maio de 2014. Nesse evento houve interpretação intermitente para 15.000 mulheres e, ao mesmo tempo, interpretação simultânea para dois idiomas: italiano (1 ouvinte) e inglês (2 ouvintes, que eram os oradores americanos quando eles não estavam fazendo o discurso), utilizando-se equipamento móvel e rádio transmissor. Este, no entanto, foi um caso especial. Não é regular a realização de eventos desse porte no meio evangélico.

No meio evangélico, a questão do revezamento entre os intérpretes ficou dividida. Pouco mais da metade dos entrevistados (52%) afirmaram que trabalham em dupla enquanto que a outra metade (48%) trabalha sozinho. Dentre os que trabalham em dupla, poucos acreditam na necessidade de revezar a cada 20 ou 30 minutos. Preferem dividir por partes do evento (abertura/ sermão principal) ou por orador (moderador/palestrante).

Com relação aos idiomas mais solicitados no meio evangélico, os dados dessa pesquisa demonstraram que 61% dos oradores são de nacionalidade americana e que os idiomas mais solicitados atualmente nos eventos evangélicos são: inglês-português e português-inglês. A maioria dos intérpretes respondeu que faz a interpretação tanto da língua estrangeira para a língua materna, como vice-versa.

Tal situação é bem similar ao que ocorre no mercado de interpretação em geral. Inglês é a língua com maior demanda de interpretação e os intérpretes, frequentemente, realizam a tradução da e para a língua materna, em função da seção de perguntas e respostas presente na maioria dos eventos. Há casos, no entanto, no mercado em geral, em que há cabines exclusivas para a interpretação para o português e para o inglês. Trata-se, normalmente, porém de eventos com mais línguas estrangeiras, e/ou com número similar de palestrantes de nacionalidades de ambas as línguas.

A preparação antes dos eventos era outro ponto importante desse estudo e através das respostas dos intérpretes, descobri que a maioria deles (15 pessoas) se prepara

antes dos eventos, assistindo a vídeos dos oradores na internet ou lendo algum material enviado pela organização do evento. Dentre os 19 respondentes, 6 são os intérpretes treinados por mim e outros dois têm formação da PUC-Rio no curso de Intérpretes para Conferência. Portanto, a preparação como parte essencial de cada trabalho foi inculcada nesses intérpretes por meio do treinamento que realizaram, seja na universidade, seja no projeto oferecido na igreja. Nesse caso, saliento mais uma vez que o resultado deve ser considerado dentro de sua limitação, uma vez que não consegui colher maior número de intérpretes evangélicos respondentes e assim diversificar os meios em que tiveram suas vivências.

O intérprete evangélico, embora se prepare para conhecer melhor o orador e suas características particulares, não se preocupa muito em fazer glossário porque ele considera que conhece a Bíblia e o vocabulário das mensagens desses eventos. Caberia uma conscientização destes intérpretes no sentido de reunirem glossários dos termos mais frequentes e dos mais difíceis, ou que tiveram maior dificuldade de traduzir/entender. Esses glossários poderiam servir para seus próprios futuros eventos e/ou para a preparação de seus colegas.

A carga horária dos intérpretes do meio evangélico varia muito. Segundo os dados coletados nesse estudo, eles podem trabalhar de 1 a 1 hora e meia por vários dias seguidos, ou de 3 a 4 horas durante cinco dias durante uma Conferência, ou podem ficar um dia inteiro com um grupo de missionários estrangeiros, por exemplo. Contudo, observou-se um declínio na existência de eventos que necessitem de interpretação simultânea desde 2005. Tal declínio pode ser alvo de questionamentos, uma vez que o mercado da interpretação em geral tem, aparentemente, crescido. Será que as necessidades no meio evangélico não têm sido menosprezadas ou mesmo estão invisíveis? É possível que, mais uma vez, um número maior e mais diversificado de respondentes tivesse apresentado um panorama diferenciado. Este ponto carece de mais pesquisa e investigação.

Os intérpretes do meio evangélico destacam-se pelo seu espírito altruísta. Eles não buscam reconhecimento ou recompensa, embora alguns recebam ofertas pelo serviço. O que motiva esses intérpretes a continuarem a prestar seus serviços é a satisfação de estar contribuindo para que outras pessoas recebam a mensagem do evangelho e de possibilitar que eles participem do evento como se estivessem

ouvindo em sua própria língua. Assim, os intérpretes parecem ver o seu trabalho como uma missão a eles entregue pela sua habilidade e domínio de língua(s) estrangeira(s), dentro da visão de que seus dons são presentes divinos. Na igreja, uns cantam, outros pregam, outros tocam instrumentos, outros ainda participam da organização ou administração de eventos, e os intérpretes se incluem entre os que têm um ministério a cumprir na propagação da palavra de Deus.

Apesar das limitações deste trabalho, como o número restrito de respondentes e, talvez, a gama de perguntas utilizadas no questionário, entendo que o presente estudo traz uma primeira visão da situação da interpretação no meio evangélico, nicho pouco conhecido e para o qual não encontrei nenhuma referência bibliográfica. Poucos autores, para não dizer nenhum, citam a interpretação no meio evangélico como um nicho da interpretação, como citam a interpretação comunitária, a jurídica, a médica e outras. Espero que esta investigação seja útil a futuros intérpretes do meio evangélico, a professores de interpretação e demais interessados, para que se amplie o conhecimento do mercado de interpretação e das necessidades específicas a cada nicho. Para a minha vivência, a realização desta pesquisa, assim como a participação no curso da PUC-Rio, foram essenciais para o aprimoramento do meu trabalho de intérprete no meio evangélico, bem como para minha função de treinadora de outros intérpretes que atuam/atuarão em minha igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ASSEMBLEIA DE DEUS. Nossa história. Disponível em:
<<http://www.assembleiadedeus.com>>, acesso em 11.03.2014.
- ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE INTÉRPRETES DE CONFERÊNCIA. Objetivos estatutários da apic. Disponível em:
<<http://www.apic.org.br/website/home>>, acesso em 18/04/2014.
- EMBRATUR. Notícias: Sala de Imprensa. Rio de Janeiro, cartão de visitas da Copa das Confederações. Disponível em:
<<http://www.embratur.gov.br/piembratur/opencms/salaImprensa/janeironoticias/arquivos/rio-de--cartao-de-visitas-da-copa-das-confederacoes.html>>, acesso em 31.05.2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**, 7ª edição. Editora Positivo, fevereiro de 2009. 896p.
- GILE, Daniel. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Revised edition. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company. 2009. 283p.
- GWERCMAN, Sergio. Evangélicos. *Superinteressante*, fev. 2004. Disponível em
<<http://super.abril.com.br/religiao/evangelicos-444350.shtml>>, acesso em 04/06/2014.
- IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. História. Disponível em:
<<http://www.ipb.org.br/sobre-a-ipb/historia>>, acesso em 11.03.2014.
- INTERPRETER TRAINING RESOURCES. A book review. Disponível em:
<interpreters.free.fr/reading/bookreviewjones.htm>, acesso em 18.05.2014
- JONES, Roderick. **Conference Interpreting Explained**. 2nd edition. Manchester: St. Jerome Publishing. 2002. 142p.
- PORTAL BATISTA. A nossa história no Brasil e no mundo. *Convenção Batista Brasileira*. Disponível em:
<http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12>, acesso em 11.03.2014.
- PORTAL DA METODISTA. A metodista e sua história. Disponível em:
<<http://www.metodista.br/sobre-a-metodista/historia>>, acesso em 11.03.2014.
- TAYLOR-BOULADON, Valerie. **Conference Interpreting: principles and practice**. 2nd edition. Rotterdam: Museum Boijmans Van Beuningen, 2007. 323p.

Apêndice 1: Questionário

Nome: _____

Formação Acadêmica

Nome do Curso: _____

Instituição: _____

Ano de formatura: _____

Igreja(s) ou local(is) onde faz interpretação:

Gostaria que tomasse alguns minutos para responder às seguintes perguntas:

1) Há quanto tempo a interpretação simultânea existe na sua igreja/comunidade/local onde você geralmente atua? Conte como começou a necessidade de interpretação nesse local.

2) Preencha com os idiomas com os quais você trabalha na interpretação:

De _____ para _____

De _____ para _____

De _____ para _____

De _____ para _____

3) Realizou algum curso específico ou algum treinamento para iniciar na atividade de interpretação?

() não () Sim. Se sim, especifique:

Nome da instituição: _____

Duração do curso: _____

Ano de conclusão: _____

4) Você estuda constantemente o(s) idioma(s) para o(s) qual(is) faz interpretação?

() sim () não

De que forma, busca esta atualização no(s) idioma(s)?

5) Em sua opinião, quais são os requisitos para alguém se tornar um intérprete no meio evangélico? (Cite, pelo menos, três)

6) Com que frequência você faz interpretação para eventos evangélicos?

7) Quando faz interpretação simultânea, você trabalha:

sozinho o tempo todo.

em dupla. Nesse caso, você reveza o tempo com seu colega com que frequência? _____

8) Cite alguns eventos recentes no qual você já fez interpretação.

9) Qual a nacionalidade dos oradores que você já interpretou? Cite, em ordem de frequência, sendo em primeiro lugar a nacionalidade mais frequente.

10) Quando faz interpretação simultânea, qual equipamento utiliza?

somente o microfone do orador e do intérprete

equipamento móvel (radio transmissores para o intérprete e os ouvintes)

cabine (com sistema conectado ao microfone do orador e com radiotransmissores para os ouvintes)

outro (especifique):

Pode anexar uma foto do equipamento/cabine a este documento ao enviá-lo?

11) Você costuma fazer algum tipo de preparação antes de cada evento no qual irá interpretar?

não sim.

Se sim, marque abaixo os itens que fazem parte de sua preparação:

Fazer glossário de termos específicos do evento

Ler material enviado pela organização do evento

Ler na mídia artigos sobre o assunto

- () Assistir a vídeos do orador
 () Ler matérias escritas pelo orador
 () Outros: _____

- 12) Qual a modalidade de interpretação que você já fez:
 Veja a definição de cada modalidade abaixo.
- () Simultânea*
 () Sussurrada**
 () Intermitente***
 () Consecutiva****

* interpretação **simultânea** é quando a interpretação ocorre ao mesmo tempo em que o orador fala. Utiliza-se equipamento (móvel ou cabine) de transmissão com fones de ouvidos.

** Interpretação **Sussurrada** é quando o intérprete faz a interpretação sussurrando ao ouvido do orador, pois praticamente ele é a única pessoa que precisa de interpretação. Isso acontece muito nas sessões de perguntas e respostas de um evento, ou entrevistas.

*** Interpretação **Intermitente** é quando o orador (palestrante ou pastor) faz pausas durante seu discurso e a interpretação é feita “frase por frase”. Orador e Intérprete estão em um palco ou púlpito.

**** Interpretação **Consecutiva** é quando o orador fala durante 3 minutos seguidos. O intérprete faz anotações em um bloco. Assim que o orador pausa, o intérprete utiliza suas anotações para lembrar-se do discurso e fazer a interpretação durante 2 minutos.

- 13) Marque com um (X) na(s) modalidade(s) de interpretação que ocorre(m) em cada tipo de evento/situação abaixo. (Pode marcar mais de uma para o mesmo evento, se ocorrer.)

	Simultânea	Sussurrada	Intermitente	Consecutiva
Sermão principal do culto				
Cursos				
Reuniões formais com líderes				
Reuniões informais com fiéis				
Entrevista com personalidades evangélicas				
Apresentações musicais				

14) Ultimamente, quais idiomas estrangeiros têm sido mais solicitados para interpretação no meio evangélico em que vive? (inclua também os eventos nos quais você não trabalhou ou os idiomas que não domina.)

15) Nas situações em que você atua com interpretação simultânea/sussurrada, para quantos ouvintes estrangeiros em média você traduz?

16) Normalmente, qual é a sua carga horária de atividade de interpretação por evento?

17) Sua colaboração em atuar como intérprete é recompensada de que forma?
